

Por onde andam os excêntricos

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargoⁱ (UNIMONTES)

Resumo:

Este artigo pretende ser uma investigação sobre que fatores ainda entravam a produção literária gay ou que trate do assunto de aparecer ou de se mostrar mais. Depois da visibilidade Gay nas ruas, nas paradas e até mesmo na literatura, quando autores foram canonizados e todo um aparato crítico foi produzido, parece ter havido, na área literária, um desaparecimento dos sujeitos ex-cêntricos no que concerne aos textos que tratam de orientação sexual. Devemos nos perguntar: houve alguma vez uma literatura homoafetiva ou homoerótica? Os escritores gays existem, mas eles querem fazer uma literatura gay? Esses sujeitos que passam a dizer não querer o centro e se chamam queer nunca chegaram ao centro? O que tem ocorrido na literatura homoerótica ou na literatura que trata do assunto? Ela migrou para onde? Como ela se encontra hoje? Apresentaremos alguns exemplos para tentar responder a essas perguntas.

Palavras-chave: Literatura brasileira, homoerotismo, teoria queer, Escrita de si, representação.

Denílson Lopes trata da questão da literatura homoerótica em seu livro *O homem que amava rapazes*, de 2002. Em um artigo denominado “Uma história brasileira”, o autor pretende fazer o que ele chama de história de uma *homotextualidade* na literatura brasileira. Ele lança mão de uma teoria bastante polêmica, retirada de Jacob Stockinger, que afirma que a “sexualidade entra na definição do texto, e não só por aspectos ideológicos ou biográficos, indo além da identificação de práticas eróticas” (STOCKINGER, *apud* LOPES, 2002, 122). Em seu texto, Lopes, segundo ele mesmo, tentava buscar um solo para uma literatura homoafetiva no Brasil.

Lopes fazia parte de uma leva de pesquisadores que se debruçou sobre os estudos da homocultura a partir do final dos anos 1980. Juntamente com José Carlos Barcelos, Mario César Lugarinho, Ricardo Santos, Ítalo Moriconi, e outros, eles apostaram em uma produção teórica utilizando-se dos trabalhos de estudiosos como Michel Foucault, Eve Sedgwick, Judith Butler, dentre outros para a produção de teorias e seleção de objetos de estudo ligados à cultura homoerótica. Esses estudos iriam propiciar a fundação da Associação Brasileira de estudos da Homocultura (ABEH), em plena atividade ainda hoje. Da seleção desses objetos encaminhou-se para uma produção teórica grande que tomou conta de algumas linhas de pesquisa em algumas das universidades mais renomadas do país como a UFRJ, a PUC do Rio, a USP.

O certo é que houve e há uma produção de estudos e de textos homoeróticos ou que tratam diretamente do assunto da orientação sexual gay, mas ainda há uma dificuldade de propagação dessa produção. Dizendo de outro modo, parece que a produção de crítica e de literatura ligadas à questão da homocultura ainda está em um gueto, feita por poucos, para poucos. Por exemplo, o levantamento solicitado pelo artigo de Denílson Lopes continua por ser feito, pois o que existe são alguns trabalhos que recortam uma produção como a tese de Ricardo Thomé, *Eros proibido*, e uma porção de artigos que recortam objetos mais ou menos isolados. Ainda há a questão de que muitos dos escritores têm uma dificuldade muito grande em assumir que sua produção é gay e nesse sentido, conforme apontavam há bastante tempo estudiosos como Ítalo Moriconi isso dificulta o reconhecimento dessa produção.

Mais recentemente, Silviano Santiago, em artigo intitulado “O homossexual astucioso”, publicado em *O cosmopolitismo do pobre*, mas apresentado em um congresso nos Estados Unidos em 1998, apresenta-se a favor de um modo de driblar a armadilha que se impõe aos movimentos de

defesa da representatividade das minorias. Para ele, não há necessidade mais de se insistir na visibilidade a todo custo, mas em uma negociação com muita astúcia por parte dos sujeitos ligados pelos desejos eróticos que fogem à heteronormatividade. Cabe lembrar que a visibilidade gay é uma ponta de lança para a militância que ainda não viu consolidada uma série de direitos pelos quais luta. Dessa forma, para se ter visibilidade, a literatura produzida corre o risco de ficar apenas no panfletarismo da busca pelos direitos gays e não se exercitar em criar peças estéticas de maior fôlego. Silviano Santiago se apresenta como “escritor, gay”, quando da publicação de *Keith Jarrett no Blue Note*, coletânea de contos assumidamente gays. No entanto os papéis não estão totalmente definidos, mas apresentam personagens disponíveis ao sexo casual e bastante abertos à experimentação. Desse modo, o escritor se recusa à vitimização levada a cabo pelos movimentos militantes norte-americanos, defendendo a busca de formas mais sutis de militância. A partir da concepção de Santiago, de não se criar uma militância exacerbada, e levando essa questão para a produção literária, corre-se o risco de mais uma vez não se conseguir perceber ou fazer o levantamento proposto por Denilson Lopes.

Existem no momento uma série de escritores que esboçam ou que aprofundam-se em questões gays, mas já existem os escritores canonizados que receberam muitos estudos por parte da academia que possuem seus nomes veiculados na mídia e que já estavam no artigo que Denilson Lopes apresentava em 2002. É o caso de Silviano Santiago, Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, João Gilberto Noll, escritores responsáveis por uma literatura de qualidade que, embora abordem a temática, não eram consumidos obrigatoriamente pelo público GLS. Há outros autores produzindo literatura gay que não são ou muito conhecidos ou muito respeitados pela academia. O caso de Nelson Luiz de Carvalho é emblemático, pois, embora seus livros sejam campeões de venda, *O 3º travesseiro*, encontrava-se em sua 10ª edição em 2007, não atraem a atenção dos estudiosos do assunto. Já se constata, portanto uma produção ex-cêntrica na literatura brasileira, mas ainda muito marginalizada pelos estudiosos.

Com a entrada dos estudos *queer* há a chance de novos ex-cêntricos entrarem na roda de discussões e debates. Os estudos *queer* que propõem a visada da diferença e o respeito a ela, trazem ainda uma visão mais livre, pois se juntam aos estudos culturais e abrem o cânone ainda mais para essas produções. O *queer*, que surge no começo dos anos 1980, aponta para o fim dos conceitos de heteronormatividade, homoafetividade, e abarca a excentricidade do sujeito em seu modo mais radical. Ainda pouco utilizada pelos estudos de literatura ela tem muito a contribuir para o aumento das possibilidades de estudos dos textos homoafetivos que transgridem a narrativa meramente homoerótica. Daí a possibilidade de se aceitarem todas as possibilidades de narrativas que tragam personagens gays, ex-cêntricos ou fora da ordem no que tange à sexualidade como *queers*. Mas ainda é preciso salientar que para estes estudos a literatura é um lugar à parte. Como faremos para trazer essas teorias para os estudos de literatura não é tão simples como parece à primeira vista. A Abertura do cânone deverá ser feita e isso indica que deve-se aceitar os diários, os contos, os blogs, a gay fiction como narrativas *queer* e, portanto, dignas de serem estudadas pela academia. O que parece ocorrer é que a teoria *queer* traz um novo fôlego para os estudos da literatura ligada à homocultura. Ainda assim, cabe salientar que é preciso apropriar da teoria e adaptá-la à produção literária homoerótica que deveria passar a se chamar literatura *queer*. Como isso será feito não nos cabe resolver agora, mas pensar sobre o fato é importante. Há que se lembrar também que isso não é uma resolução simples e que a questão da heteronormatividade x homoafetividade ainda não está solucionada. A convivência das diferenças é muito mais difícil do que se parece à primeira vista. No caso específico deste artigo visamos a apenas fazer um levantamento, ainda que modesto, do que anda em circulação em termos de ex-centricidades na literatura brasileira contemporânea, mais especificamente, no que foi produzido a partir dos anos 2000.

A internet é um prato cheio para quem se interessa por esses textos. Não só facilitou a saída do armário de muitos sujeitos, como também facilita a propagação de narrativas, sejam elas os blogs, diários virtuais ou até mesmo contos e romances que já se destacam nessa produção, como

por exemplo, um texto anônimo, que pode ser aproximado de uma crônica, intitulado “A dura vida dos gays”:

Para quem acha que a vida gay é tudo diversão, baladação e alegria. Segue a demanda do mercado provando que na verdade é uma vida muito dura (sem duplo sentido!): Nós temos que ser magros. Nós temos que ser divertidos e alto astral. Nós temos que ter ótimo senso de humor, porque gay tem que ser engraçado. Nós temos que nos matar na academia 6 vezes por semana. Nós não podemos ter nem um vestígio de sombra de barriga. Nós temos que ser tolerantes a drogas e seus usuários e achar tudo muito divertido e moderno. Nós temos que ir a Nova Iorque e Europa pelo menos uma vez por ano. Nós temos que morar nos bairros onde tem mais movimento, bares, restaurantes, boates, pessoas na rua, jamais em um bairro exclusivamente residencial. Nós temos que morar sozinhos, no máximo com o namorado ou amigos, mas nunca com os pais. [...] Nós temos que ter cabelo bom... se não for bom, que seja arrumado. Nós temos que ir ao Salão de Beleza, nunca ao Barbeiro. Nós temos que ser inteligentes. Nós temos que detestar futebol. Nós temos que tirar a camisa na boate (o cara pode até transar com homem, mas se não tirar a camisa na boate não será tecnicamente considerado gay). Nós temos que tratar São Paulo como se fosse Nova Iorque e o Rio como se fosse Ibiza. Nós temos que saber conversar sobre política, religião, artes, filosofia, fofoca... menos sobre esportes. Nós temos que fingir que estamos indo a Parada Gay pela causa e não pela pegação. Nós temos que gostar de toda cantora americana peituda de cabelo alisado que grita mais do que canta. [...] Nós temos que nos depilar todos. Nós temos que usar camisinha. Nós temos que andar na moda. Nós temos que fazer terapia. E tudo isso antes dos 30, porque depois disso, já se está passado...!! (ANÔNIMO, 2011)

É digna de nota a ironia com que o texto é construído. Ironia ferina, com tiradas que se assemelham ao melhor da produção aforismática de Oscar Wilde, por exemplo, trazida para a contemporaneidade. Também deve-se salientar a linguagem simples, direta, sem muitos artifícios, que cumpre com a função de mandar um recado ao leitor. A amargura também se faz presente no relato que faz da vida gay com toda a dificuldade de se demonstrar quem não se é. Na verdade, a anáfora “nós temos” representa que ser gay hoje é muito mais uma questão de obrigação, dever, do que propriamente de ser. Essa normalização de publicidade de sabonete ou de margarina apresentada pela mídia como modo de colocar todas as identidades gays em um mesmo rótulo e dizer não às diferenças é criticada de forma veemente pelo texto. Além do que o texto aponta para algo muito complicado quando se trata dos gays: a vida útil de um gay não passaria dos 30 anos de acordo com essa normatização. Essa efemeridade da vida gay exclui completamente os outros sujeitos ex-cêntricos que não se encaixariam no rótulo. O texto critica a inexistência de uma ex-centricidade, visto que todos os gays do texto deveriam se colocar desse modo caso queiram estar no centro. Realmente a vida dos gays é duríssima caso queiram se manter no centro. Importante ressaltar o fato de que os ex-cêntricos que a princípio deveriam se sentir bem fora do centro, querem um centro sobre o qual girar. A identidade gay, passa assim a ser discutida nesse movimento irônico produzido pelo texto, que ao afirmar, produz a leitura de seu avesso, alertando para o problema de querer ser o que não se é.

Na internet também é possível se encontrar os mais diversos relatos que vão desde casos de Gays se assumindo, familiares de gays apresentando como eles conseguiram lidar com a diferença de seus parentes etc. Essa produção ainda é tímida quando se trata de publicações, mas a tendência é acelerar o crescimento devido à política de visibilidade, além de campanhas da SEDH e do combate à homofobia promovido pelo governo, bem como o aparecimento e o crescimento de editoras especializadas em textos gays como a Edições GLS do grupo Summus, as editoras Malagueta, Bico de pena, Zayas, dentre outras. Esse tipo de política vai de encontro à teoria defendida por Silvano Santiago de uma astúcia necessária aos sujeitos homoeróticos, pois elas se

mostram e se constroem dentro das políticas afirmativas criando textos gays para um público gay ou interessado nessa cultura.

Há relatos disfarçados de romance como o livro de Lu Mounier, *Quase levy um fora*, que me parece só existe em versão *on line*, que traz o seguinte resumo:

Fernando é um jovem de 19 anos que nunca havia trabalhado. Devido a seus conflitos familiares, vai em busca de seu primeiro emprego. Com sorte ele consegue, e tudo em sua vida começa a melhorar. Já em seu trabalho novo e recente namoro, o destino encarrega-se de apresenta-lo a Levy, fazendo-o apaixonar-se à primeira vista. Consciente que seria um amor impossível, Nando não cria expectativas, pois o Levy sendo heterossexual jamais teria chance. Seu namorado parecia ser o homem perfeito, até que a vida começa a lhe mostrar a real face, uma verdade escondida sob uma beleza invejável. Tornando-se refém de uma relação violenta, Nando pede ajuda ao seu amigo Levy que arrisca sua vida para ajudá-lo. Violência, aventura, intrigas e amor que envolvem essa história de início ao fim.

Esse romance-relato é produzido com uma linguagem extremamente simples, parece uma escrita de adolescente. Não nos foi possível ainda detectar a idade ou a formação do autor ou autora visto que o nome abre espaço para a ambiguidade. Um@ autor@ *queer*! Além de simples, o texto apresenta erros de concordância, de coesão e coerência o que pode ser entrevisto até mesmo no resumo que antecede ao romance/relato. A narrativa aposta em um romance amoroso e na criação de um herói que tem que salvar o mocinho das garras de um amante possessivo. Nota-se também pelo resumo que o texto não vai muito longe e não propõe nenhuma novidade na formatação e muito menos elabora uma narrativa que apresente novidades, mas não deixa de ser importante a necessidade de o texto apostar em um amor sadio entre Fernando e Levy de acordo com as normas de conduta impostas pela sociedade de consumo heteronormativizada. Nada novo sob o sol! No entanto essa produção está aí para quem quiser ver e se encontra disponível para *download* na internet gratuitamente. Há uma vontade desses escritores demonstrarem que eles produzem e que querem ser lidos. Os ex-cêntricos querem ser o centro do centro do gueto. As experiências devem ser compartilhadas, é o que parece dizer o narrador, para que os outros aprendam a não desprezar o amor, como Fernando o fez. Desse modo espera-se que o leitor aprenda com os erros do personagem e resolvam fazer coisa melhor da sua vida.

Deixando a internet de lado deve ser levado em consideração o caso de Bernardo Carvalho, que, praticamente, em quase todos os seus romances apresenta personagens gays ou supostamente gays, como se pode ver em *Nove noites*, publicado em 2002, bem como constroi um romance com um casal gay que irá se encontrar em São Petersburgo em *O filho da mãe*, em 2010. Longe de querer que o autor saia do armário, é preciso perceber que em seus textos a questão gay é sempre disfarçada, dissimulada, velada até demais. Ou os personagens não se assumiram totalmente ou são figuras a serem desvendadas pelos leitores. Nesse sentido, Carvalho se aproximaria da astúcia ditada por Silviano Santiago. Pontos de contato são possíveis, visto que os personagens de Carvalho, como os personagens gays de Santiago, são, quase sempre exilados, estrangeiros até para si mesmos. Nesse modo de representação o gay não quer o centro, não deseja ser muito visto, nem se expor demais, ele parece querer mais ser adivinhado, buscado, pois ele mesmo, muitas vezes, está à procura de sua identidade. Em *O filho da mãe* os personagens se encontram sempre no escuro ou muitas vezes em espaços isolados como se mostra em sua realidade. A cidade São Petesburgo em ruínas serve de metáfora para o amor vivido por eles. Um amor que já nasce arruinado pela própria condição dos personagens que se encontram em situações de suspensão. Um acabou de sair do exército, é um desertor; o outro tem um emprego provisório nas obras de reforma da cidade e está à procura de sua mãe. Dono de uma escrita denominada de alta literatura, que sabe trabalhar com a linguagem de modo muito pessoal e organizado, Bernardo Carvalho impõe-se por seu texto astucioso que discute as relações de identidade sem no entanto reivindicar um modo de vida único

para os ex-cêntricos.

A Gay fiction, ainda incipiente no Brasil, já encontra seus campeões de audiência como é o caso de *O 3º travesseiro*, de Nelson Luiz de Carvalho, que já se transformou em peça de teatro e foi lido por muita gente. Na linha norte-americana de produção, os relatos, muitas vezes em primeira pessoa, apresentam personagens muito simples, cujas relações se encontram no momento de suas descobertas e de seus amores possíveis ou impossíveis. Quase sempre o final é feliz ou há um golpe do destino que não deixa o casal ficar juntos para sempre. No caso do romance de Nelson Luiz de Carvalho há a dificuldade de aceitação do casal de adolescentes por parte dos pais, que é dribaldo com muito jeito pelos protagonistas; uma ex-namorada que fica grávida de um deles, e um acidente que, finalmente, interrompe uma relação de muito amor e afeto. Essa receita que rende aos livros das coleções Júlia, Sabrina das bancas funciona, pelo gosto do público, como uma possibilidade de se viver um grande amor; aproxima demais dos livros para moças das coleções cor de rosa e quetais. Nesse caso é uma literatura assumidamente gay que coloca as questões desde suas primeiras páginas e não negocia com os leitores sobre as escolhas e orientações sexuais de seus personagens. É digno de nota de que tudo em *O 3º travesseiro* é por demais clean em sua tentativa de representar os ex-cêntricos como ordinary people. A tentativa de trazer os ex-cêntricos para um público maior é um modo de não confrontar o mundo ou dividi-lo em dois: o mundo hetero e o mundo gay. Nesse romance todos caminham pelas mesmas sendas e a o fato de serem gays não os impede de seguirem suas vidas. O problema desse tipo de texto é que falta justamente a problematização da questão.

No caso de Marco Lacerda, em seu romance *As flores do jardim da nossa casa*, publicado em 2007, há uma tentativa de se escrever uma autobiografia não autorizada. O paradoxo serve para se pensar na brincadeira ou na relação literatura X vida colocada em xeque nos trabalhos de Silviano Santiago ou na vida tornada espetáculo conforme é do gosto da cultura de massas dos tempos modernos ou pós-modernos. A aposta de Lacerda é na história bem narrada como memórias de um ex-cêntrico que deseja encontrar novas possibilidades de amor para si. Serão destilados no romance como o narrador foi molestado em criança por seu professor e depois por um colega de brincadeiras e como ele se envolve com os homens sempre em relações clandestinas, até seu envolvimento com garotos de programa. Ele até encontra um amor, mas que morre em decorrência da AIDS. Este não é mais um romance sobre a convivência com a doença ou que a tem como centro da narrativa. Interessa mais a Lacerda a afetividade à deriva no mundo contemporâneo, principalmente como se forma a afetividade gay ou a homoafetividade. Tudo isso é rememorado enquanto ele está em uma cama, amarrado por um garoto de programa e tem sua vida suspensa, pois está prestes a morrer. Se não pinta a vida cor de rosa, Marco Lacerda opta pelas vicissitudes do mundo gay, mas não tenta normatizar as coisas, sua busca é de uma ex-centricidade que conflague as possibilidades de afeto e desejo em um mesmo lugar. Apresenta os riscos e as possibilidades de saída. Se não é um livro de auto-ajuda, tampouco faz questão de passar receitas de bem viver, muito menos resolve tratar o mundo como algo cor de rosa no qual todos somos aceitos. A saída do armário é total, mas é uma escolha pessoal e a literatura não se perde com isso.

Os ex-cêntricos continuam a produzir uma literatura que quer ser lida e para isso ocorrer teremos que nos reinventar enquanto críticos, teóricos, leitores. Essa produção parece ser tão diversificada quanto as identidades, modos e maneiras de ser ex-cêntrico. Há ex-cêntricos de todos os jeitos e para todos os gostos escrevendo os mais diferentes gêneros e tipos textuais, querendo ser vistos, ouvidos e lidos.

Referências

ANONIMO. A dura vida dos gays. <http://acapa.virgula.uol.com.br/blogs/redacao/texto-sem-autoria-retrata-a-vida-dura-de-um-gay-na-sociedade-atual/12/289> - acessado em 10.03.2011

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e homoerotismo em questão*. São Paulo: Dialogarts, 2006.

CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2010.

CARVALHO, Nelson Luiz de. *O 3º travezeiro*. 9. ed. São Paulo: Arx, 2005.

LACERDA, Marco. *As flores do jardim da nossa casa*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

LOPES, Denílson. Uma história brasileira. In: *O homem que amava rapazes*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MOUNIER, Lu. *Quase Levy um fora*.

http://www.4shared.com/file/NAYGN9Ey/Quase_Levy_um_fora_-_Lu_Mounie.html - acessado em 15.04.2011

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso. In: *Cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

THOMÉ, Ricardo. *Eros proibido*. Rio de Janeiro: Nova razão cultural, 2009.

i Fábio Figueiredo Camargo, Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Professor de Literatura brasileira na UNIMONTES.
Fcamargo3@uol.com.br